



O VÍDEO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Paula Aragão
Cristiano Mezzaroba
André Marsiglia Quaranta

INTRODUÇÃO

A presença da mídia na vida cotidiana e nos inúmeros acontecimentos do planeta tornou-se motivo para ela própria constituir um foco específico de análise nas esferas social, política e econômica; a própria mídia e a presença inevitável dos meios tecnológicos despertam novos olhares acerca de como fazer pesquisa, pois são potenciais de apropriação e geradoras de tensões do cotidiano. O advento das discussões voltadas às mídias e às tecnologias, que cada vez tomam espaço no contexto acadêmico, faz surgir emergencialmente tendências de análises acerca da própria forma com a qual estudamos e analisamos determinados contextos.

Compreendemos que temática “mídia” é tratada por estudiosos de áreas diversas como foco de suas reflexões (a própria Comunicação Social, a Sociologia, a Antropologia, a Educação, a Filosofia, a Economia, a Política, a Educação Física etc.), a exemplo de uma das mesas temáticas da X Semana de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe/2013: *Mídia, megaeventos e vida cotidiana*. Por isso, o compromisso com a pesquisa é sempre relevante e o que propomos neste texto se desenvolve a partir da crescente oportunidade do uso das tecnologias em pesquisas qualitativas, a partir da integração (ou não) de imagens, sons e

textos. Ressaltamos, aqui, que a materialização deste texto ocorreu em função de uma Oficina e ministrada no evento citado acima, nomeada como *Vídeopesquisa na Educação Física*, cujo objetivo foi discutir a possibilidade do uso do vídeo em pesquisas no campo acadêmico e apresentar a vídeopesquisa enquanto um desafio, um campo a ser explorado, pois ela em si, constitui um tipo pesquisa (no texto ampliamos para exemplificações do uso do vídeo, com a inclusão de uma experiência com skatistas, relato de um trecho de uma pesquisa de dissertação de mestrado, o qual poderia aproximar-se da vídeopesquisa).

É certo que esta presença nos estimula gerar reflexões sobre os seus efeitos no universo cotidiano, mas na área da Educação, como campo acadêmico, os recursos midiáticos e tecnológicos apresentaram também uma nova forma de “ver” o mundo. A presença de recursos tecnológicos nos livros de metodologias de pesquisa aponta a possibilidade do trabalho com o vídeo, uma forma de fazer com a mídia um trabalho que possibilita o seu uso como instrumento e produto de pesquisas e de investigação, de experimentação e descobertas para além do trivial dos recursos metodológicos.

As razões pelas quais normalmente se propõe o uso de tecnologias como recursos metodológicos se devem à oferta de um registro mais poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais, cujos arquivos podem ser primários na pesquisa social; o aspecto “visual” e a “mídia” desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica, por isso, são “fatos sociais” e não podem ser ignorados. Em virtude disso, compreende-se que o vídeo tem uma função óbvia de registro de dados, sempre que algum conjunto de ações humanas se mostra complexo e difícil de ser descrito compreensivamente por um único observador.

Frente a isso, podemos elencar a partir de Loizos (2002) algumas interrogações problemáticas acerca da pesquisa com recursos tecnológicos e a partir deles. Como em todo método de pesquisa há limitações e questionamentos que permanecem à primeira instância, destacamos que alguns dependem do caráter ético do pesquisador, vejamos: A câmera não pode mentir? Os arquivos são facilmente acessíveis a todos os envolvidos? Em que medida a imagem é suficiente para análise e compreensão dos dados? Outros recursos são necessários, um diário de campo, por exemplo? A linguagem da imagem é sempre explícita em comparação ao registro na linguagem escrita? Como fazer quando houver diferenciações entre registro audiovisual e registro escrito?

Contudo, buscamos em Goldman *et al.* (2009) uma proposta de pesquisa traduzida como *vídeopesquisa*, que apresentada à área da Educação foi também vista como possibilidade de estudo para a Educação Física. Apesar dos questionamentos supracitados, acreditamos que cada nova proposta de pesquisa surge como oportunidade de aprofundamento nos campos de estudo, sejam eles no âmbito escolar, acadêmico, científico ou social em geral.

Visualizamos a *vídeopesquisa* como uma perspectiva de olharmos por “diversas lentes” a escola, os espaços de lazer, o âmbito esportivo, enfim, todo cerne da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992) permeado pela Educação Física. Enxergamos a *vídeopesquisa* como mais uma possibilidade de apropriação do cotidiano acrescida pela característica dialógica e não monológica como é visto comumente.

Apesar de ser um estudo ainda em desenvolvimento na área da Educação, propomos a entendermos a *vídeopesquisa* como possibilidade de pesquisa na Educação Física, visto sua forma desafiadora de ver e estudar os contextos por meio e através das

“lentes”. Assim, oferecemos neste texto uma proposta provocativa de iniciarmos um direcionamento deste tipo de pesquisa com as possibilidades de estudo encontradas nos campos cerceados pela cultura corporal.

MAS AFINAL, O QUE É A VÍDEOPESQUISA?

Trata-se de uma proposta renovadora das atividades de pesquisa e do modo de analisar e compreender a prática educativa nas “comunidades de prática”, estas entendidas tanto como o contexto estudado. A vídeopesquisa, delegada no contexto ensino-aprendizagem, pode estar sob uma perspectiva metodológica para pesquisas educativas, pois sendo um ambiente intertextual o vídeo permite a construção de sentidos sob diversos pontos de vista.

Como se trata de uma primeira visão acerca da vídeopesquisa e sua relação com processos de pesquisa nas ciências da aprendizagem é preciso compreender quais bases fundamentais do seu surgimento e como hoje ela pode ser direcionada. Por isso, o texto apresentado está baseado, fundamentalmente, nas discussões desencadeadas durante as aulas de Seminário Especial em Vídeopesquisa¹ e na obra de Ricki Goldman *et al.* (2009), a qual foi desenvolvida a partir de pesquisas na área das teorias da aprendizagem e das ciências sociais, que aproximam a vídeopesquisa das pesquisas educacionais.

Acreditamos que a vídeopesquisa traz ao campo acadêmico novas contribuições acerca da forma de fazer investigação. O processo investigativo é o ponto chave desse tipo de pesquisa, sendo o vídeo a base fundamental de análise entre os meios envolvidos: investigadores/investigados e investigadores/investigadores. Neste

1 Seminário Especial oferecido como disciplina pela Professora Monica Fantin, pelo Departamento de Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina, segundo período de 2011.

tipo de pesquisa existe essencialmente a possibilidade de uma construção analítica do processo investigativo por parte de um diálogo entre todos os envolvidos, o que pode se estender a outros grupos de investigadores também. A importância da vídeopesquisa se mostra na possibilidade de uma construção colaborativa e dialógica da análise dos filmes construídos durante as observações no contexto, isto é, uma interpretação construída a partir de uma “multiplicidade de lentes” (GOLDMAN *et al.*, 2009, tradução, p. 16).

Em um primeiro momento podemos observar que a vídeopesquisa despontou no campo das pesquisas sociais, pesquisas etnográficas, no entanto, está sendo adequada ao contexto educacional pela proposta inovadora que apresenta. Por isso, faz-se necessário compreender as estruturas teórico-metodológicas fundamentais para a sua constituição nas ciências da aprendizagem, um novo campo de atuação, sob uma perspectiva emergente.

A problemática da *representação* no contexto estudado

Diferente de outras formas de compreensão da realidade, a vídeopesquisa põe frente a frente os lados diferentes do contexto, por isso sua relevância, para ampliar o ângulo de visão, dar voz aos sujeitos e levar em consideração os significados por eles atribuídos à experiência. Significado que também vai sendo construído ao longo do processo reflexivo.

A moldura sob a qual se apresenta a vídeopesquisa está voltada para a problemática da *representação* no contexto estudado, por isso, o *conceito de representação*² é bastante discutido sob

2 O conceito de representação utilizado é colhido dos escritos de Stuart Hall (1997), o qual explica que o termo compreende dois sistemas ligados. O primeiro sendo a correspondência entre pessoas, lugares, objetos e ideias e o mapa conceitual em constante mudança a partir das experiências no mundo; o segundo trata da ligação entre o mapa conceitual e as linguagens.

uma visão trazida por estudos pós-estruturalistas. Então, alguns questionamentos quanto ao uso do vídeo chamam atenção dos próprios teóricos da proposta. Questiona-se, por exemplo, se o vídeo é a realidade ou uma representação da realidade? Sendo uma representação até que medida será fiel às percepções reais, estas últimas estão contempladas no vídeo? Por ser representação, isso que dizer que há possibilidades de múltiplas formas de interpretação, além de uma infinidade de pontos de vista, tanto de quem constrói, quanto de quem está envolvido e isso pode gerar uma discussão infinita do vídeo construído e suas intencionalidades.

O uso das tecnologias e a possibilidade de utilizar, nas pesquisas, recursos diversificados sempre mais complexos e de ponta gera também uma necessidade de refletir sobre a forma como são utilizados, pensando nas questões éticas do processo. Pois, um problema na metodologia apresentada é quando se faz o uso indiscriminado do vídeo, sem critérios de análise, sem uma devida preparação dos sujeitos. Outro risco é também não ter o tempo devido para verificar cada acontecimento capturado no processo de pesquisa. Ao passo que se faz uma gravação o pesquisador deverá ter o mesmo tempo para que a análise seja feita, além do tempo de construção de um vídeo editado, se for o caso.

Loizos (2002) corrobora com estes questionamentos e aponta também outros limites que se tem ao utilizar os recursos audiovisuais para auxiliar em uma pesquisa como a *visão bidimensional do vídeo*, uma característica que reduz o significado da experiência fílmica, que não adentra à representação dos fatos. E mais, os recursos de edição ao mesmo tempo em que são, hoje, uma vantagem, também se fazem limitadores quando são utilizados como forma de “esconder” ou “cortar” alguma informação que o pesquisador não quer expor; o uso indiferente à aceitação daquele que está sendo filmado também gera questionamentos de ordem ética, já

que não se limita a por ou não o nome dos sujeitos no trabalho de pesquisa, como se faz quando utilizamos outros recursos instrumentais, neste caso, a não identificação do sujeito no vídeo fica mais difícil.

Enfim, limitamos a algumas dessas indagações, pois a vídeopesquisa apresenta-se em processo de constituição.

Implicações no trabalho com a vídeopesquisa

Entendemos que o processo de reflexão será constante a partir do momento em que o pesquisador concebe em sua própria mente uma pesquisa com o auxílio do vídeo, momento de concatenação da sua intencionalidade. Por isso, esclarecemos que é essencial:

- Entender que o uso do vídeo como um artefato possível de complementar ou constituir a pesquisa, não como um instrumento de produção de evidências (a ideia é apreciar o vídeo como um instrumento que coloca os pesquisadores em contato não só com as perspectivas daqueles que projetam/planejaram o estudo, mas também daqueles que participam e analisam);
- Compreender que as diferentes comunidades de pesquisa usarão e avaliarão o mesmo vídeo de formas diferenciadas, por isso, na área de avaliação o importante é reconhecer que não há um método definido e inexorável para analisar vídeos na vídeopesquisa;
- Reconhecer que existem questões éticas ligadas às atividades de pesquisa (relação etnocêntrica pesquisador/pesquisado; visão imperialista);

- Manter o foco nos objetivos da pesquisa, pois o cuidado em como interpretar e analisar os métodos combinados podem ser quantitativos e qualitativos, não há uma forma fechada de análise, mas uma busca por possíveis formas de compreensão através de experiências de análise de acordo com a intencionalidade.

Como campo emergente (tipo de pesquisa emergente) a vídeopesquisa tem a característica de reunir as interpretações do pesquisador e daqueles que são filmados mediante o compartilhamento do processo apresentado no vídeo, o que veem, fazem, criam e pensam durante o processo filmado. Infringe as práticas hegemônicas predominantes no mundo científico, portanto, é possível compartilhar filmagens, edições e interpretações com aqueles que estudamos. Refere-se a uma estrutura que encerra uma gama de “lentes” diversas para observar aquilo que acontece em um determinado contexto a partir da captura dos acontecimentos em vídeos.

Neste caso, os significados das “re-presentações” se construirão através da “multiplicidade de lentes”, ou seja, das formas de interpretação de pesquisadores e pesquisados, salvaguardar o foco no objetivo principal da pesquisa. É interessante lembrar que, como proposta de construção colaborativa de interpretação, o momento de diálogo também pode surpreender aquele que observa também, pois no contexto estudado o pesquisador também é visto e percebido por aqueles que estão sendo observados.

A vídeopesquisa semeia a possibilidade de ruptura com algumas teorias da aprendizagem, em virtude da proposta de “ecologizar as oportunidades de negociação dos pontos de vista compartilhados” (GOLDMAN *et al.*, 2009, p.21), pois não se deve negar a cultura daqueles que são estudados como se fez no passado (lembrando-se dos estudos antropológicos). É preciso

representar o choque/confronto/conflito entre as culturas e avaliar com maior delicadeza a totalidade e a particularidade de cada coisa vista.

Ainda que os recursos midiáticos tenham sido usados para privilegiar perspectivas dominantes, talvez seja o momento de pensar na inclusão de diferentes pontos de vista, em prol da construção de comunidades de aprendizagem convivial, com experiências nas comunidades de prática.

Como é uma proposta de introdução da vídeopesquisa nas ciências da aprendizagem, Goldman *et al.* (2009) propõem que a vídeopesquisa não só compreenda histórias e experiências compartilhadas da comunidade de aprendizagem envolvida, mas que se torne um método de integração entre arte e ciência, e que sirva de baliza para por em xeque métodos, instrumentos e teorias, que provoque uma reflexão sobre essa base do conhecimento, pois tudo isso também surtirá efeito no modo de pesquisar e pensar na influência das pesquisas sobre aqueles que são estudados.

À busca de uma compreensão da moldura teórico-metodológica da vídeopesquisa

O perspectivismo como visão geral do construto teórico-metodológico da vídeopesquisa, apresenta-se através das percepções gerais e trazem os principais aspectos dessa metodologia. Na proposta de Goldman *et al.* (2009) encontramos visões de pesquisadores de acordo com as diferentes áreas em que trabalham, os quais descrevem e interpretam o uso do vídeo nas pesquisas e discutem suas implicações com as tecnologias como instrumentos emergentes na pesquisa, principalmente no

âmbito educacional. O perspectivismo abrange todo o conjunto de vozes que se tem para construir e complementar esse tipo de pesquisa, tornando-a objeto de discussão.

O termo *perspectivismo*, neste caso, é considerado por Castro (2012) como um processo de “ver como”. Seria uma espécie de visão própria de um sujeito relacionada a um determinado ser, enquanto o tal ser sobre o qual se pensa também pode ter sua percepção sobre o que é visto. Em suma, seriam modos de ver como se tivéssemos vários ângulos de visão para observar uma determinada coisa, no entanto, no exemplo citado temos pontos de vista humanos e não humanos. Mostrar os aspectos das coisas a partir de distanciamentos/ângulos distintos, ou seja, diferentes perspectivas de entender o objeto de acordo com o contexto, pois sempre está situado no tempo e espaço, tem uma história, uma subjetividade. Em princípio não há uma realidade objetiva, há uma forma de olhar sobre ela, é a ação do pesquisador.

Para uma compreensão da moldura teórica do perspectivismo

Goldman *et al.* (2009) alerta que nas “comunidades de práticas” é preciso ter clara a importância para analisar o processo e não só o resultado final, “esse tipo de investida metodológica através da videopesquisa capta esse movimento das pessoas no ato de fazer, pensar e criar” (GOLDMAN *et al.*, 2009, p.21). Como um ato reflexivo ao mesmo tempo em que se desenvolve a ação.

O que se pretende também com essa metodologia é *adotar um olhar mais reflexivo e ético para as implicações de um estudo científico da construção de significado da parte dos seres humanos*, descreve a autora (GOLDMAN *et al.*, 2009, p.02). Assim, a proposta de renovação da

prática de pesquisa incorpora elementos que podem ser combinados para descrever, interpretar e representar aos membros da comunidade, os eventos no seu acontecer, ponto de partida do compartilhamento dos diversos olhares através de textos, vídeos e sons que dão vozes aos sujeitos envolvidos.

Isso significa que, diferente de outras formas de compreensão da realidade, a vídeopesquisa põe frente a frente os lados diferentes do contexto, por isso sua relevância, para ampliar o ângulo de visão, dar voz aos sujeitos e levar em consideração os significados por eles atribuídos à experiência. Significado que também vai sendo construído ao longo do processo reflexivo.

Trabalhar com a vídeopesquisa implica dizer que o processo de reflexão será constante a partir do momento em que o pesquisador concebe em sua própria mente uma pesquisa com o auxílio do vídeo, momento de concatenação da sua intencionalidade. É preciso ter conhecimento do instrumento e compreender o modo como essas tecnologias emergentes estão modificando os processos de pesquisa.

Então como fazer tudo isso considerando a multiplicidade de fatores que circundam os ambientes de pesquisa? Entende-se que uma escola, contexto onde ocorre o processo ensino-aprendizagem para onde está sendo direcionada a vídeopesquisa, ainda que esteja vinculada a um dado sistema de ensino, não quer dizer que as diferenças sociais não existam e as subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo colaboradores não interfiram no processo da coleta e interpretação dos vídeos.

O VÍDEO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS

Para ilustrarmos melhor a aproximação da vídeopesquisa como possibilidade de pesquisa para a Educação Física apresentamos como uma espécie de experiência de campo (ou pré-campo), um trabalho cuja finalidade tenta mostrar as faces do lazer no cotidiano de skatistas³.

Uma possibilidade: as faces do lazer no cotidiano skatista

Sabendo-se como a vídeopesquisa está fundamentada e como pode ser utilizada, essa compreensão levou ao desafio de introduzi-la em um espaço educativo, mas não sistematizado, ou seja, uma experiência de campo fora da escola. Apesar disso, ele se mostrou relevante em um espaço público de lazer.

Como uma forma metodológica inovadora, sob um primeiro foco, seria uma forma de complementar o conhecimento do campo pesquisado, pois faria parte da construção metodológica do projeto, o qual iria se aproximar do modelo etnográfico de pesquisa. Assim, a vídeopesquisa ficou ligada a um dos objetivos específicos do projeto, qual seja: compreender os mecanismos de organização e de apropriação do Skatepark (em Aracaju/SE) empreendidos pelo(s) grupo(s) de skatistas que ocupa(m) aquele equipamento.

3 A experiência da vídeopesquisa foi realizada durante o processo de constituição do campo da posterior dissertação: Lazer Sobre Rodas no Cartão Postal: identidade e socialização no Skatepark em Aracaju/SE (ARAGÃO, 2013). Portanto, ela foi considerada um complemento da pesquisa para compreensão do contexto naquele momento, até porque era uma experiência usada e diferente da proposta do projeto de dissertação.

Além disso, também se deu como algo que pudesse auxiliar na interpretação e na percepção dos fatos que poderiam ser captados e registrados no Diário de Campo (DC), pois, ambos os recursos poderiam se complementar: registros audiovisuais, DC e interpretação dos sujeitos. O fato de registrar com maior pontualidade no DC é que foi possível perceber com maior clareza acontecimentos rápidos nos vídeos, mas importantes para a descrição dos modos de conviver representados no lazer do grupo.

É preciso deixar claro que o desafio é que justifica a experiência, pois o foco não era modificar o contexto, mas entender as relações sociais presentes a partir do lazer. No entanto, no exercício de ver a partir do olhar do pesquisador, o vídeo permite concordância, questionamentos, discordâncias, críticas e isso é que se faz relevante ao atingir essa etapa de compartilhamento.

Neste interim, podemos dizer que ponto principal é a aprendizagem daquele que olha, não daquele que é visto. Este último terá oportunidade de compartilhar dessas informações e fazer suas considerações a partir da representação criada pelo observador e será possível refletir sobre as práticas do seu cotidiano no espaço público de lazer, seus usos e apropriações. O objetivo não é compreender somente o que estamos analisando, e sim as múltiplas oportunidades que o vídeo oferece e compreender o próprio modo de ser pesquisador/a como a moldura teórica aponta.

A experiência por ora realizada se deu como uma primeira aproximação desse processo metodológico denominado *videopesquisa*. Seguindo a visão “perspectivista” desse processo e a intenção no contexto estudado é que através da experiência compartilhada, as “re-presentações” do vídeo sejam, como nos diz Goldman *et al.* (2009), objetos expressivos que agem como fonte de inspiração acrescentados de emoção, lembranças e histórias que se cruzam em depoimentos e olhares diversos.

Nesta experiência de aproximação ao uso das tecnologias na pesquisa e da vídeopesquisa como concepção de pesquisa, é preciso lembrar que existem contextos de aprendizagem que não se restringem ao ambiente escolar, é também externo à ele. Portanto, é possível encontrar em um ambiente de atividade cultural multifacetada, como é o lazer, denominado por Marcellino (2007) como uma perspectiva de aprendizagem social, de convívio, de compartilhamento de experiências de vida, de prática, usos e apropriações do espaço, de relações interpessoais, de afinidades e divergências.

Em razão dessa “comunidade de prática” específica de interação entre os indivíduos, se propõe aos sujeitos refletir sobre as próprias experiências e sobre o próprio agir no mundo através dos vídeos. Para tanto, serão destacadas algumas categorias como uso e apropriação com relação ao espaço de lazer: presença frequente dos skatistas no equipamento; as intervenções feitas por eles para adequar o equipamento às formas de utilizá-lo; as relações sociais construídas e/ou conservadas a partir do encontro no equipamento de lazer destacado.

Quando, na vídeopesquisa, se questiona sobre a experiência de ser filmado e a ação diante da câmera, afirma-se que o uso de aparelhos tecnológicos e a presença constante destes recursos deixam à margem o questionamento da autenticidade do comportamento diante das câmeras. Presenciamos na experiência a utilização destes mesmos recursos pelos próprios sujeitos para captar imagens e construir vídeos de promoção ou “vídeo promo”, como eles denominam a “propaganda pessoal dos skatistas”. Havia, na verdade, um agir diferente não com relação às câmeras dos turistas ou dos aparelhos da pesquisadora, mas a diferença estava no agir sob o foco do cinegrafista, ainda que este fosse seu próprio amigo do dia-a-dia.

Ao passo que havia um registro de campo, os registros audiovisuais também iam sendo elaborados, agrupados e ordenados para posterior análise. Assim:

1. Os registros puderam ser feitos a partir da segunda semana de visita ao campo;
2. Os registros foram armazenados no computador;
3. Foram agrupados em pastas a cada mês e ordenados por datas;
4. Sem número diário de vídeo ou fotografia, pois isso dependeu necessariamente dos aparelhos utilizados, o tempo de bateria, a condição de armazenamento de imagem, o tempo no local e as atividades da segunda etapa da pesquisa, as entrevistas (em virtude do tempo de cada um para conceder a fala).

Relatamos que a câmera não capta tudo, por ser um espaço muito grande. Por isso, a pesquisa que se construiu partiu do foco de visão da pesquisadora, aproximações que obedeceram a critérios pré-estabelecidos de acordo com o objetivo proposto:

1. Relação: skatistas/pista de skate (questões de usos, aproveitamento dos espaços, modificações no equipamento, marcas das formas de apropriação, os modos de fazer).
2. Interação: skatistas/skatistas; skatistas/outros agentes sociais (presença de muitos outros atores no mesmo espaço);

Algumas considerações devem ser feitas após toda a captura. Quanto ao enquadramento dos vídeos na pista é interessante destacar que se deu através de diversos pontos, tanto de locais próximos dos aglomerados das formações dos grupos frequentadores e também

de pontos distantes que captavam o todo e dava uma visão geral do espaço. Para essa modificação não houve critério, mas era apenas para ver o que se poderia captar diante dos diferentes focos.

Deste modo, o porquê dos diferentes pontos de visão pode ser justificado em razão da pluralidade de perspectiva contra o problema do enquadramento e das falas que nem sempre podiam ser gravadas em virtude do espaço aberto e de fatores como a presença de pessoas que não gostariam que suas falas fossem registradas. Foram dificuldades encontradas em um ambiente grande e ao ar livre, que não podia ser limitado no momento para a vídeopesquisa, pois fazia parte de um projeto de dissertação que era mais abrangente e com outras exigências. E o “estar com” pode ser mais importante do que o “estar lá”, mas seria praticamente impossível apenas estar lá, pois no caso relatado ocorreu de uma aproximação de coleguismo entre pesquisadora e sujeitos.

As perspectivas, em relação ao grupo/sujeito observado foram apresentadas após a produção e fechamento do vídeo, em que foram reunidas as suas opiniões. Os vídeos foram realizados de janeiro a maio de 2012, sendo que a maior concentração de registros se deu nos meses de março e abril. Foram registrados em diferentes horários, mas sempre nos horários que variavam entre as 14 horas e as 23 horas.

Houve muitas dificuldades quanto ao uso dos aparelhos, pois não havia onde recarregar as baterias das câmeras, nem sempre era possível levar consigo o *laptop* para fazer o armazenamento direto para realizar nova filmagem, pois era necessário já que a memória de armazenamento dos aparelhos era de baixa capacidade. Além disso, haviam as condições climáticas, situação em que os frequentadores também não se faziam presentes no local. Nas filmagens à noite havia o fator da baixa visibilidade, assim não foi possível captar imagem com boa qualidade no espaço neste turno.

Mesmo assim, os registros foram feitos e os pontos de discussão presentes de acordo com o objetivo proposto são:

- A característica do equipamento de lazer em geral, pois mostram as marcas do tempo: deterioração pela maresia e pela falta de manutenção do órgão responsável;
- Marcas criadas pelos seus frequentadores: os grafites, as pichações, as manchas de vela nos obstáculos;
- O sistema de uso: a distribuição dos grupos, as atividades desenvolvidas como o skate, o BMX, (modalidade de bicicleta para fazer manobras em obstáculos semelhantes àqueles criados para o *skateboard*, de *Street*) e os patins;
- A predominância dos skatistas, as interações e relações sociais criadas a partir do lazer: as amizades, a irmandade, a família com outra significação;
- O cotidiano: a confiança de largar a mochila nos obstáculos junto com outros materiais de outros amigos para sair para o “rolê”, os encontros de gerações (mais velhos e mais novos) na mesma atividade, as formas de se comunicar, cumprimentar, despedir-se;

Os vídeos foram editados de acordo com os aspectos acima descritos, à luz do olhar da pesquisadora, mas, logo após, atentando aos critérios de avaliação propostos na moldura teórico-metodológica apresentada anteriormente.

É certo que a tentativa de fazer a edição de acordo com os meus interesses os vídeos podem apresentar cortes, exclusão de trechos que seriam interessantes para os sujeitos. Porém, existe uma intencionalidade na captação dessas imagens e como o contexto é bem diferente do contexto educacional sistematizado, a proposta de compartilhamento teve de se moldar aos objetivos da pesquisa

e às possibilidades de compartilhamento em rede, para que tivesse o mínimo de retorno de pontos de vista. O destaque nesse sentido está na intencionalidade da pesquisa.

Dos vídeos registrados, 44 foram selecionados para edição contendo imagens em tempo real, ordenados por data. Então o compartilhamento e a construção da interpretação colaborativa ocorreram em um encontro pessoal⁴, cuja apresentação dos vídeos serviram para confirmar ideias e desconstruir visões acerca do lazer skatista.

Como possibilidade os vídeos editados poderiam ser compartilhados na rede social *Facebook* onde poderia construir uma discussão a partir dos comentários e compartilhamentos. Outra ideia é que as frases poderiam ser acrescentadas à legenda do vídeo, como uma espécie de “vídeoconstrução”. Seria uma espécie de legenda para os vídeos, com suas justificativas, que poderia ser reeditadas no projeto do vídeo e depois compartilhadas mais uma vez, como construção final.

ALGUMAS NOTAS FINAIS

Retomando o objetivo proposto por nós para a presente comunicação, qual seja, a de apresentar a possibilidades do uso do vídeo em pesquisas no campo acadêmico da Educação Física – aliado à experiência educativa construída junto ao cotidiano de skatistas do municípios de Aracaju/SE – podemos destacar, de maneira explícita, o caráter inovador da vídeopesquisa numa perspectiva formativa para a ampliação do olhar sobre a forma como se elaboram os discursos audiovisuais tão presentes em nossa sociedade atualmente.

4 Sendo que a outra opção de compartilhamento seria através da rede social Facebook.

A partir da possibilidade de desvendar, ou ao menos compreender melhor, como são montados os artifícios discursivos e imagéticos na elaboração de vídeos, os sujeitos podem aliar tanto o domínio instrumental dos elementos que são constitutivos neste processo (captura e edição de imagens, por exemplo), como também pela apreensão do conteúdo a ser trabalhado para tanto. Faz-se necessário delimitar este entendimento para uma produção ética e responsável sempre em direção a uma reflexão constante sobre o objeto a ser tratado.

O esforço aqui foi o de tentar problematizar, mesmo que de maneira embrionária, a aproximação destes conceitos a partir dos elementos culturais que se aproximam do cotidiano da Educação Física (Esporte/Jogos/Ginástica/Lutas/Dança); para além do ensino de técnicas e habilidades, ampliando assim as discussões didáticas visando a mediação pedagógica destes conteúdos frente aos discursos oriundos do elementos audiovisuais visando uma compreensão das relações sociais dos sujeitos no tempo e espaço em que estes fazem parte.

Em nosso caso, tentamos fazer a aproximação da intenções da vídeopesquisa a partir das opções de lazer de skatistas no município de Aracaju/SE. Acreditamos na infinidade de possíveis articulações junto ao universo da cultura corporal/de movimento. Cabe o incentivo junto aos cursos de formação de professores de Educação Física para estreitar esses laços, bem como de pesquisadores/professores estarem atentos para proporcionar tal familiaridade.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, P. **Lazer Sobre Rodas no Cartão Postal**: identidade e socialização no Satepark em Aracaju/SE. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, 2013.

CASTRO, E. V. Os pronomes cosmológicos eo perspectivismo ameríndio. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, outubro 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131996000200005&script=sci_arttext. Acessado em: julho 2012.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

GOLDMAN, R.; PEA, R.; BARRON, B.; DERRY, S. (Orgs.). **Videoricerca nei contesti di apprendimento**: teorie e metodi. Milano: Raffaello Cortina, 2009, p.11-61. Tradução de Mônica Fantin.

LOIZOS, P. Vídeo, Filme e Fotografias como Documentos de Pesquisa. In: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes. 2002.

MARCELLINO, N.C. **Lazer e Cultura**. Campinas: Alínea, 2007.